Nada É Estável No Princípio

Não existe repouso inaugural. A origem não é um ponto, uma essência ou uma causa. É uma zona de fricção, um campo de matéria em perturbação, sem direção, sem nome, sem estrutura. Tudo o que persiste nasce sob excesso — não por vontade ou sentido, mas por resistência operatória. Aquilo que chamamos início é apenas matéria que ainda não se dispersou.

Durante séculos, a filosofia tentou pensar o princípio como ordem. Parménides recusava o nascimento por temer o não-ser. Agostinho elevava o início à condição de dom. Hegel via nele a revelação do espírito absoluto. Mas em todos esses casos, o princípio era pensado como estabilidade: o início como identidade, a origem como fundamento.

A Ontologia da Complexidade Emergente recusa essa narrativa. O real não começa com unidade, mas com disjunção. O que existe no princípio é instabilidade sem linguagem, sem consciência, sem inscrição simbólica. Apenas matéria que se agita, se comprime, se colide, se reorganiza. O princípio não é pureza: é abalo.

Algumas dessas perturbações não se desfazem de imediato. Em certas condições — físicas, topológicas, gravitacionais — a matéria não colapsa. Forma estruturas transitórias. Zonas de tensão sustentada. Não porque haja intenção ou projeto, mas porque certas configurações absorvem o impacto em vez de se dissiparem. Esse fenómeno não guarda nada: não retém, não lembra, não significa. Não há qualquer inscrição simbólica nem gesto de representação — apenas reorganização física sem mediação. Apenas persiste como instabilidade funcional não dissolvida.

Essas instabilidades não são símbolos, mas realidades físicas. Rastos de energia, densidade ou deformação local. A matéria, quando não se dispersa, não se organiza por vocação — apenas por acúmulo funcional. É a partir destas fricções mantidas que emergem configurações duráveis: campos gravitacionais, aglomerados de partículas, ondulações que se refazem. Ainda sem forma plena, mas já sem dissolução imediata.

Toda configuração relativamente estável é efeito dessa tensão. Não há sentido no início. Não há código. Há apenas zonas onde o colapso não se completa — e por isso se torna dobra não dissolvida da matéria. A energia aí não flui livremente: gira, atrai, acumula, curva-se. A forma, neste estádio, é apenas a pausa do caos.

Nada é nomeado. Nada é inscrito. Mas algo dura. E essa duração, ainda sem estrutura simbólica, é suficiente para distinguir o que se repete do que se perde. O mundo que conhecemos é apenas a consequência de múltiplas instabilidades que, por não se desfazerem inteiramente, se tornam matéria organizada. Não organizada por design, mas por fricção persistente.

O que chamamos universo é esse campo de tensões primordiais, onde certas regiões resistem ao colapso total. Não resistem porque são fortes, mas porque são dobras da instabilidade. Cada galáxia, cada estrela, cada planeta é o efeito local de um desequilíbrio que durou mais do que o instante. O real não começa. O real insiste.

Por isso, falar em "início" é sempre uma construção retrospetiva. A origem não foi um momento. Foi uma série de reorganizações materiais não simultâneas, não lineares, não

teleológicas. O que começou, não começou. Apenas se manteve. A persistência é a única forma de inscrição admissível neste grau de realidade.

Não há repouso no princípio. Há apenas matéria em luta com a dispersão. Toda forma nasce como dobra de um campo instável. Toda duração é já uma consequência. O real é aquilo que persiste sem repousar, reorganizando-se sem cessar. E é isso que chamamos, hoje, mundo.

Nada começa como fundamento. Tudo começa como instabilidade que ainda não se dissolveu.

—— David Cota — Fundador da Ontologia da Complexidade Emergente ——